

NO CURRALINHO (Sobre *Grande Sertão: Veredas*)

Joaquim Aguiar*

RESUMO

Em Grande Sertão: Veredas, a contrapartida da aventura é a fuga da "vida comum" que Riobaldo descarta quando chega ao Curralinho, escapando da casa paterna. Nesse ponto o personagem entrega-se à jagunçagem. O gosto pela aventura se desenvolve a partir do sentimento por Diadorim, seu célebre parceiro.

Unitermos: *Literatura brasileira; romance brasileiro; ficção de Guimarães Rosa; interpretação literária; romance de aprendizagem.*

Todo grande romance está centrado na busca do sentido da vida. E *Grande Sertão: Veredas* não foge à regra. À certa altura do seu relato, Riobaldo afirma: "quero contar é o que *eu não sei*, e que pode ser que o *senhor saiba*". (p. 175)(1)

Como outros acontecimentos importantes na vida do herói, o acaso juntou-o, já velho sertanejo, ao homem da cidade, o doutor diante de quem Riobaldo desfia seu livro da vida. Reverenciando muito o parceiro civilizado, convidado a ouvir dando explicações, Riobaldo inverte o senso comum. O ilustrado, que deveria esclarecer o matuto sobre o significado da experiência contada, é convertido em aprendiz do experiente contador de histórias. Ciente do saber que tem sobre o próprio passado, Riobaldo descarta a opinião do ouvinte. Como exemplo, basta lembrar o episódio do Menino, que comentarei adiante: "Agora, que o senhor ouviu, perguntas faço (...) O senhor não me responde." (p. 86)

* Professor do Depto. de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH-USP.

1 — Todas as páginas citadas pertencem à 11ª edição, publicada em 1976, pela José Olympio Editora; todos os grifos em citações serão meus.

Astuto narrador, Riobaldo sabe também que da matéria vivida nem tudo importa, mas aquilo que permanece pedindo sentido. Esta é a matéria do romance: a parte nebulosa da vida. Para Riobaldo, narrar é tanto dar a conhecer uma história quanto fazer dela um instrumento para se auto-conhecer, repassando de memória aquilo que paira nas "inquietações sombras".

Tomei a expressão do nosso outro maior narrador, *D. Casmurro*, que a tomou do *Fausto* e que também conta a vida no intervalo entre as pontas, aquilo que em *Grande Sertão: Veredas* corresponde ao intervalo entre as margens: as águas de travessia difícil, mas fascinante.

A vida de Bento Santiago não daria romance sem a presença de Capitu, a moça que deu sentido à existência do rapaz bem criado, católico, depois bacharel e trivial pai de família. Do mesmo modo, Diadorim é quem arrasta o filho bastardo do fazendeiro, talvez destinado a próspero comerciante do sertão, para a vida aventureira da jagunçagem. A sedução é o engate que, em ambos os casos, tira os heróis de um curso. Bentinho abandona o seminário para casar-se com a menina da "casa ao pé"; Riobaldo integra-se ao bando movido pela atração que sente por Diadorim.

Curso e desvio de curso, portanto, dominam os dois "heróis" do romance brasileiro. Entretanto, cabe lembrar um aspecto entre os tantos que poderiam diferenciá-los. Uma frase como "tu serás feliz, Bentinho" (*DC*, cap. C), aparentemente vinda do além, dispensa a ação; e a felicidade, cujo ponto máximo é o matrimônio combinado à carreira bem sucedida, aparece como "direito natural" para o bem-nascido filho de um pacto doméstico, feito com Deus. Já para Riobaldo, nascido filho natural, é preciso descer ao "inferno", fazendo pacto com o demônio, para alcançar a glória de chiegar a turba que enfrentará o temível Hermógenes, traidor do grande chefe justiceiro, Joca Ramiro, pai de Diadorim.

Se Bentinho é reencaminhado ao curso (seu reino é a família), o traço básico de Riobaldo é permanecer no desvio do curso (seu reino é o bando). Esse aspecto atinge a própria construção da narrativa. Em *D. Casmurro* o movimento é sucessivo e tende a culminar no casamento, de onde a linha é afrouxada pela "ação lenta e decrescente do ciúme", a causa do fracasso da vida do filho de Dona Glória. Em *Grande Sertão: Veredas* o andamento é truncado desde o início, desfiando-se uma série de historietas que embaralham a sucessividade do enredo, como encruzilhadas permanentes, onde a cada passo parece surgir a pergunta: e se fosse diferente?

A marca de Riobaldo é o desgarramento. O primeiro lance de sua vida depende do desvio de um curso. Curado de uma doença, o ainda quase-menino paga promessa da mãe esmolando dinheiro para o Senhor Bom Jesus da Lapa, na beira de um rio. É quando se envolve

com um menino, abandonando o curso para com ele lançar-se água acima. O encontro dos dois é o começo da história. Posto em parte adiantada do livro, ele amarra as pontas iniciais da relação (interrompida apenas no breve instante da passagem do Curralinho, que comentarei depois) só desatadas muito mais tarde, com a morte do amigo, ex-Menino, ex-Reinaldo, ex-Diadorim, e por fim revelado: Maria Deodorina. O encontro tem valor de conhecimento e de auto-conhecimento: "eu olhava *esse menino*, com um prazer de companhia, como nunca por ninguém *eu não tinha sentido*". (p. 81)

Como se vê, o emprego do demonstrativo *esse* ajuda a presentificar a figura de Diadorim na vida do Riobaldo narrador, ao mesmo tempo distanciada e tão próximo do mundo que narra. Nesse trecho, entre os vários que descrevem o impacto da experiência de conhecer o menino, Riobaldo tanto afirma não ter sentido por ninguém o que sentiu na ocasião, como *sugere* que conhecer Diadorim é que deu sentido à sua vida.

O episódio compreende o relato da travessia do rio São Francisco, em meio às profundas implicações emocionais — e decisivas — que a passagem impõe. Trata-se de um caso, talvez um conto, de amor adolescente, onde imperam o fascínio e o receio pelo desconhecido. Diante do perigo das águas agitando-se sob a frágil canoa (e da situação que põe um na frente do outro em mútuo gostar), ambos afirmam que não sabem nadar. Eles se conhecem no porto, "uma beira de barranco, com uma venda, uma casa, um curral e um paiol de depósito. Cereais." (p. 79)

É Diadorim, todo ativo, quem carrega Riobaldo para a aventura. Ambos descem o barranco em direção às águas. Do alto ao baixo, do firme ao "terreno móvel", do menor rio para o maior e, finalmente, da água limpa do De-Janeiro para o barrento São Francisco, todos os passos da narrativa indicam uma *experiência de aprendizagem*.

Riobaldo navega sob as ordens de um Diadorim "calado e sabido", muito seguro de si, e reage a cada momento, ora com medo do grande e turvo rio, ora envergonhado pelo sentimento de inferioridade em relação ao menino. Mas nada o impede de entregar-se, "eu estava indo a meu esmo", chegando a pressentir o amor proibido: "*O menino tinha me dado a mão para descer o barranco. Era uma mão bonita, macia e quente, agora eu estava vergonhoso, perturbado.*" (p. 81)

A aprendizagem pelo deslumbramento talvez possa resumir a experiência de Riobaldo nesse encontro ao acaso. As descrições apaixonadas de Diadorim combinam com a seqüência de lições por este aplicadas a Riobaldo. Diadorim é quem decide o passeio, é quem chama Riobaldo para acompanhá-lo, é quem cuida da provisão (queijo e rapadura), é quem ordena ao canoeiro que atravesse o perigoso rio, é quem elimina da cena o mulato que ameaçou o idílio na outra margem.

Com efeito, o desembaraço próprio da ação fundamenta as lições de *autoridade* e de *ousadia*. Uma das frases mais conhecidas do romance é pronunciada por Diadorim nesse episódio: "Carece de ter coragem."

Mas há ainda outra lição, a mais bonita, que diz respeito à observação sensível da natureza que serve de cenário dinâmico para o sentimento entre os dois. Diadorim "chamou minha atenção para o mato da beira, em pé, paredão, feito régua regulado. — 'As flores...' - ele prezou. (...) Um pássaro cantou. Nhambú? (...) Não me esqueci de nada, o senhor vê. Aquele menino, como eu ia poder deslembrar? (...) Ele, *o menino era dessemelhante* (...)" (p. 82)

Como se pode observar, o encontro tem caráter de *iniciação*. Alguém como não encontrara antes desencadeia uma experiência como antes não tinha tido. O próprio Diadorim se encarrega de reforçar a misteriosa sensação que ele "sabe" causar no companheiro. Insi nuando o disfarce (homem/mulher), que Riobaldo desconhece, Diadorim lhe diz: "Sou diferente de todo o mundo." (p. 86)

Riobaldo é iniciado no mundo da *aventura* e da *ventura* a um só tempo. Começa assim a etapa substancial da sua vida. Ao cabo da travessia ele não será mais o mesmo. Mas as "inquietas sombras", sem as quais não haveria romance, dependem de um *espírito em disponibilidade*, como uma boa moldura à espera de um quadro definitivo: "E esperava por lá, *naquele parado*, raro que alguém vinha. Mas eu gostava, eu queria *novidade quieta* para os meus olhos." (p. 80)

É desse modo que Riobaldo esperava o outro, para amanhecer a sua aurora — que lhe promete grandes dias, mas que não pode evitar a complicação própria da vida. Aventura singular, ponto inicial da formação de uma personalidade, o encontro permanece em questão, tempos depois, para um narrador às voltas com o seu passado: "Por que foi que eu precisei de encontrar aquele Menino? Toleima, *eu sei*. (...) O senhor não me responda (...) onde é bobice qualquer resposta, é aí que a pergunta se pergunta." (p. 86)

Barrando o ouvinte, tão atraído quanto o leitor pela história contada, Riobaldo se incumba de explicar, ele mesmo, essa preciosa passagem da vida. Após pensar em "sonhação", instância deslocada da realidade, Riobaldo conclui pelas zonas da vida em que os sentimentos se embaralham, saltando pois da simples aproximação do problema: "acho que eu tinha de *aprender a estar alegre e triste juntamente*." (p. 86)

Mas é entrando em funcionamento a consciência do aprendizado, coisa real, que pede conceito, que Riobaldo dá o salto definitivo, desparticularizando a sua experiência, cujo sentido a explicação acima

somente em parte responde. Nesse ponto, o agora fazendeiro, já na outra ponta da vida, refaz a interrogativa noutros moldes: " Deveras se vê que o viver da gente não é tão cerzidinho assim?" (p. 86)

Obviamente, a resposta do doutor é o silêncio.

O passo seguinte é anunciado pelo narrador como pertencente à esfera do simples. Ele fica ali espremido no meio de histórias de jagunços, e talvez por isso chama atenção.

Riobaldo perde a mãe, a "Bigrí" simplesmente, de quem tão pouco ficamos sabendo no romance. A esta outra prova de desgarramento, junta-se a curta estadia na fazenda do padrinho-pai. Riobaldo é por ele iniciado no fascínio pelas "altas artes de jagunços". Em poucas páginas Selorico Mendes aparece como aquilo que Riobaldo não foi: um jagunço frustrado. Daí a insistência do velho nas histórias de heroísmo no sertão. Medroso, Selorico queria um Riobaldo exímio no manejo das armas: "Me deu logo um punhal, me deu uma garrucha e uma granadeira. Mais tarde, me deu até um facão enterçado, que tinha mandado forjar para próprio, quase do tamanho de espada..." (p. 88)

Esse tipo de formação é complementado por outro. Riobaldo logo segue para o Curralinho onde terá educação escolar. Ele chega ao povoado destinado ao curso, mas, sem o saber, pronto para o desvio do curso. Nhô Maroto, em casa de quem se hospeda, "marotamente" antecipa o destino do rapaz. Dando-lhe uns servicinhos, conclui que ele *não tem jeito para o trivial*: "Você não é habilidoso." (p. 89)

Curralinho: curral, curral pequeno, lugarejo encurrulado, lugar que "encurrala". Ponto civilizatório no meio do pasto enorme (o sertão), o espaço serve de estação, parada entre duas aventuras: o encontro e o reencontro com o Menino, agora Reinaldo-Diadorim. Mais importante ainda, o espaço funciona como espécie de *encruzilhada*.

A passagem de Riobaldo pelo Curralinho tem duas etapas. Na primeira o herói cumpre as ordens do pai, e vira aluno exemplar do Mestre Lucas, com quem aprende "as letras e a tabuada." É a fase de ampliação da personalidade. As lições de amor competem com as lições de escola. Dentre as "meninas por nomes de flores", Rosa'uarda "gostou de mim, me ensinou as primeiras bandalheiras, e as completas, que juntos fizemos, no fundo do quintal..." (p. 90)

Cumprida essa etapa, Riobaldo retorna à casa do padrinho para, mais adiante, dela fugir. Revoltado por saber que Selorico Mendes, a quem não devota afeição, é seu pai, o moço acaba voltando ao Curralinho. Aqui Riobaldo é novamente um herói em disponibilidade. À procura de vida própria, longe do pai, ele tem pela frente dois caminhos.

"Currallinho era lugar muito bom, de vida contentada." (p. 89) Havia notícias de modernidade, anunciava-se o trem-de-ferro, o comércio prometia. O rapaz adivinhava o futuro: via-se ali "rico estabelecido", erguendo a hipótese de começar vendendo ferramenta pelo mundo, ou seja, levando progresso e ganhando com ele. Mas e o preço? Para o espírito formado na sedução da aventura, era se "repartir no miudinho de cada dia, tão penoso e aborrecido." (p. 96) O herói talvez mirasse o exemplo do árabe Assis Wababa, que "engordava" com as novas da prosperidade.

Refletindo sobre a desvantagem do curso, mesmo tendo em vista um futuro promissor, Riobaldo está consciente de que o percurso, a fase de assentamento da riqueza com base no trabalho árduo e rotineiro, é a instância anti-aventureira por excelência. Nesse ponto, ele aceita o emprego de mestre precoce do fazendeiro Zé Bebelo, mas logo vai escapular do "offício de ilustrar", fugindo de quem projeta a seu modo modernizar o sertão. Zé Bebelo desejava eleger-se deputado, levar pontes e fábricas, saúde e escola para aqueles confins, mas antes queria acabar com os jagunços.

Riobaldo age então como se soubesse que servindo à contra-jagunçagem desservia a si mesmo. Não obstante inclinado às letras, já estava "formado" para a vida errante. Seu gosto pelo avesso nasceu de encontro com o Menino, cresceu nas lições dadas pelo pai, e estava pronto para maturar no reencontro com Diadorim. Nesse processo, o fixo, o certo e o curso, apresentados nas expectativas do Currallinho, cedem lugar ao móvel, ao incerto e ao desvio do curso (exatamente como no episódio do Menino). Riobaldo segue de costas para o progresso; começa então a grande viagem.

No trecho do Currallinho, que ocupa tão pouco do livro, vence uma concepção de vida. A vitória do arcaico é condição para que se ergam as proporções épicas do romance, oprimindo a temática moderna, com a trivialidade da vida que ele implica. A perspectiva de estabilidade é adiada para que o meio da vida seja o império da aventura. Aventura de duas faces, espécie de concha onde se juntam o mundo das armas (a luta incessante no sertão) e o mundo sensível (o amor sempre renovado por Diadorim).

Como é sabido, Diadorim é o elemento-chave no meio da vida de Riobaldo. O largo curso do livro, poderíamos dizer, "apenas" desenvolve em plano maior, como do De-Janeiro para o São Francisco, aquela combinação inicial: a *aventura* vivida ao lado (e por causa) do amigo com a *ventura* de amar o amigo. Amor e guerra "se casam" e põem a inusitada experiência de Riobaldo muito acima da média. O que Diadorim tem de singular não é, naturalmente, o fato de ser jagunço, mas o de encarnar a ambigüidade espalhada por todo o romance. A sutil combinação homem/mulher, que não deixa de fascinar, é parte de uma representação ampla da própria relatividade dos tantos aspectos

da vida. Essa misteriosa natureza foi a paixão de Riobaldo, traduzida por um amor irrealizado, mas inesquecível.

No belo estudo "O homem dos avessos", Antonio Cândido sublinhou a "ambigüidade suprema" de Diadorim entre as várias outras do romance. Elas tomariam parte daquilo que o Autor chamou de "um grande princípio geral de reversibilidade", que comanda a obra e cuja marca seria o "desligamento entre os pólos, uma fusão de contrários, uma dialética extremamente viva, — que nos suspende entre o ser e o não ser para sugerir formas mais ricas de integração do ser." (2)

Apagando a ambigüidade, a morte de Diadorim reconduz Riobaldo ao curso. E o herói vira o respeitável narrador, agora proprietário de terras, ex-matuto valente e instruído, cujo traço notável é a obsessão pela própria vida, contada de maneira compulsiva e muito particular. A pura recordação é o saldo épico possível de uma narrativa também ambígua: a inspiração é o passado, a expressão é moderna.

Aventura e ventura, juntas, deram à trajetória de Riobaldo um sentido que a vida prosaica certamente não daria. Ela teria outros, mas isso é matéria para o romance urbano tratar. Nesse sentido, a ficção de Guimarães Rosa e a de Machado de Assis bem formariam uma concha juntando as duas faces do Brasil: o arcaico mundo do sertão, que insiste em permanecer; e o mundo da cidade, que ainda tenta se civilizar.

ABSTRACT

In Grande Sertão: Veredas, adventure offers an escape from "everyday life", which Riobaldo rejects when he arrives at Curralinho, escaping from the paternal home. At this point the character devotes himself to life as a ruffian and assassin (jagunçagem). His taste for adventure develops from his feelings for Diadorim, his famous companion.

Key-words: Brazilian literature; modern brazilian novel; Guimarães Rosa's fiction; literature interpretation; bildungsroman.

2 — *Tese e Antítese*, 3ª ed., p. 135.